

# Revista de Estudos Espíritas

Ano I - número 10 - Outubro de 2006

Instituto de Estudos Espíritas "Wilson Ferreira de Mello", Campinas-SP

## Artigo

### Como os espíritos podem ensinar idéias novas

Luciano Pereira, Campinas-SP

Segundo Kardec, os espíritos podem nos ensinar a respeito de qualquer conhecimento humano. Porém, ainda que essas idéias contribuam para nosso progresso, elas não trazem nada que não pudéssemos buscar pelo nosso próprio esforço e pesquisa [1]. É bem lógico aceitar a idéia de que Deus tenha criado leis que permitam a comunicação entre os planos físico e espiritual, de forma que essas leis atuem como impulsionadoras do progresso de ambos os planos. Porém,

a fim de se evitar o estacionamento do conhecimento pelo comodismo, as lições não são trazidas prontas e acabadas pelos espíritos, assim como o fazem até mesmo os educadores nas escolas terrenas.

Como finalidade principal o espiritismo veio acrescentar às lições do Cristo e à ciência, até então materialista, a certeza convicta da sobrevivência da alma após a morte do corpo físico, a demonstração da existência do plano espiritual como realidade principal da vida humana. Isso se deu fundamentalmente a partir do estabelecimento da comunicabilidade entre os planos através da mediunidade [2].

Para tanto, Kardec elaborou uma metodologia que pudesse *dar essa certeza* aos experimentadores, definindo, dessa forma, as *finalidades primordiais* [3] dessa ciência, com base nos próprios ensinamentos dos espíritos.

Da análise desses fundamentos filosóficos, destacamos um importante fator para o entendimento de como se processa o ensino de novas idéias: o perfeito entendimento do funcionamento do processo mediúnico, que

é a base de toda a metodologia espírita. Com a visão de que se tratava senão de um processo de comunicação entre seres encarnados e desencarnados, Kardec discutiu toda a problemática inerente às variáveis que podem prejudicar a experimentação mediúnica [4]. Nesse sentido, citamos a interferência de espíritos perturbadores; a interferência de idéias pré-concebidas dos encarnados; as dificuldades de estabelecimento de contato em função da escala em

**“Porém, a fim de se evitar o estacionamento do conhecimento pelo comodismo, as lições não são trazidas prontas e acabadas pelos espíritos, assim como o fazem até mesmos os educadores nas escolas terrenas.”**

que o espírito evocado se encontra que pode manifestar conhecimentos completos ou incompletos sobre determinados assuntos. Essas e diversas outras problemáticas levantadas formam um verdadeiro conjunto de procedimentos que auxiliam os experimentadores a esquivarem dos problemas inerentes à comunicação mediúnica. Dentro esse conjunto, Kardec destacou o *Consenso Universal* dos ensinamentos dados por diversos médiuns e espíritos em diferentes lugares como ferramenta principal de trabalho.

Além de todo esse ferramental de trabalho, há também de se analisar a maneira pela qual são transmitidos os conhecimentos por via mediúnica. Com isso, podemos traçar uma idéia mais correta quanto às reais possibilidades que esse meio proporciona, definindo, assim, os possíveis caminhos a serem trilhados pelos pesquisadores.

Em *O Livro dos Médiuns*, Kardec afirma que as manifestações físicas, especificamente a tipologia (item 142, 2º §), nos seguintes termos: “[As manifestações] *provam, de um modo categórico, a independência absoluta do pensamento do médium*”. Nesse mesmo sentido, os espíritos ao se referirem aos médiuns pne-

umotógrafos no item 189, afirmam que “os efeitos inteligentes são aqueles pelos quais os espíritos se servem dos materiais cerebrais do médium, o que não ocorre nos casos da escrita direta; a ação do médium aqui é toda material, enquanto que no médium escrevente, mesmo completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo”. (grifos nossos) Se considerarmos as manifestações como um *continuum*, de um lado teríamos as **manifestações físicas em geral, expressas no ambiente** e do outro as **manifestações intuitivas ou inspirativas** (idem, item 187). Nas primeiras há a manifestação das idéias como “uma máquina de escrever” (idem, item 180) através de processos físicos ou mais mecânicos. Nas últimas, as idéias permeiam pelo médium, que “*atua como o faria um intérprete*” (idem, item 180). As diferentes formas em que a mediunidade pode se apresentar possuem, em maior ou menor grau, esses dois componentes. O fato de uma manifestação ser mais ou menos mecânica ou intuitiva influi diretamente no grau de fidelidade da idéia expressa pelo comunicante. Porém, “*pode ocorrer que isso pouco importe*” (idem, item 180), dependendo do objetivo da reunião. Definido as necessidades do experimento idealizado, “*é necessário estudar a natureza do médium, como se estuda a*

*natureza do espírito, porque são os dois elementos essenciais para se obter um resultado satisfatório*” (idem, item 186). E continua Kardec no mesmo item: “*Para que uma comunicação seja boa, é necessário que emane de um Espírito bom. Para que esse Espírito bom POSSA*

*transmiti-la, lhe é necessário um bom instrumento*”.

Ao discorrer sobre as variedades de médiuns, Kardec e os espíritos definem as possibilidades de cada faculdade (idem, item 188), auxiliando, dessa forma, o estudante na busca pelo instrumento mais adequado às

**“Dentro esse conjunto, Kardec destacou o Consenso Universal dos ensinamentos dados por diversos médiuns e espíritos em diferentes lugares como ferramenta principal de trabalho.”**

experiências desejadas ou, de outra forma, adequando os objetivos da investigação de acordo com os médiuns disponíveis para o trabalho. Como exemplo, citamos o caso da psicografia e da psicofonia. Nesses casos, os espíritos trabalham com os arquivos mentais do médium, adquiridos nessa ou noutra encarnação, para poderem manifestar suas idéias. Assim, com médiuns nessa condição apenas, não é possível a transmissão de conteúdos desconhecidos pelo médium, salvo o caso de uma mediunidade mais “mecânica”. Um bom exemplo dessa última consiste na mediunidade de Francisco Cândido Xavier, em especial a psicografia dos livros *Mecanismos da Mediunidade e Evolução*

*em Dois Mundos*. Esses livros trouxeram à época questões e termos técnicos próprios das ciências mais atuais, impossibilitando para o médium, como ele próprio afirma [5], o conhecimento de tais exemplos em outras vidas ou mesmo na atual. Assim só podemos entender tais fenômenos por ação “*de uma máquina de escrever*”. Resumimos, portanto, que os espíritos podem ensinar novas idéias mediante nossa busca pelo conhecimento e nosso esforço para o progresso, desde que saibamos aplicar a metodologia espírita (que por nosso conhecimento mostra ser a mais eficaz), entendendo as finalidades primordiais dessa ciência e, por fim, adequando nossos objeti-

vos às possibilidades existentes, “*com uma firme e sincera vontade de chegar a um resultado*” (*O Livro dos Espíritos*, introdução item VIII)

[1] Kardec, Allan. A Gênese. Introdução, item 13. (1868)

[2] Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos. Pergunta 627. (1857)

[3] Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Capítulo XVII, Os Bons Espíritos.

[4] Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns.

[5] Entrevista televisiva, programa Pinga-Fogo de 1971, o qual é disponibilizada em formato DVD pela produtora Vídeo Spirite.

## Diálogos Espíritas

### Orientações gerais para

### reuniões mediúnicas

8 de julho de 2006- IEEWFM

**Nota.** O diálogo abaixo se deu após em uma reunião onde se procurava traçar novos objetivos para um de nossos grupos de estudo. Após o término das discussões, foi destinado um tempo para comunicações de ordem geral, durante o qual o espírito conhecido por nós como irmão Sérgio apresentou-se espontaneamente para colaborar com alguns apontamentos. Na transcrição do texto, optamos por indicar a existência de diversos interlocutores a fim de manter, tanto quanto possível, o caráter agradável e espontâneo do diálogo.

1.(Espírito) - Caros amigos, gostaria de aproveitar os momentos que disponibilizaram para contribuir com alguns pontos que talvez possam colaborar no direcionamento de vossas reuniões. Como sempre temos procurado trazer desde nossos primeiros contatos, é importantíssimo que a busca do conhecimento seja motivada por um desejo íntimo, que não pode, sob hipótese alguma, ser relegado a terceiros, ser deixado para que outros o façam por nós. O nosso progresso, o nosso conhecimento, depende realmente de nossa vontade, do nosso interesse. São eles que darão o nosso direcionamento. Essa postura individual pela busca do conhecimento será ditada pelo nosso preparo em vários campos, mas talvez se inicie no nosso preparo intelectual. Quando nos dedi-

camos a um determinado estudo, automaticamente passaremos a colher informações nos livros, a discutir idéias com outros irmãos, a elaborar novas idéias, de modo o preparo intelectual, acabará por gerar um preparo moral, disciplinador, que aos poucos será capaz de mudar o nosso preparo mental, no sentido de ampliar as possibilidades do ser. Portanto, apenas como consequência de uma preparação intelectual, é estabelecida uma preparação moral, disciplinadora de vossas vontades, de vossos pensamentos. Na verdade, para sermos mais exatos, ambas as preparações realizam-se de forma concomitante, fazendo com que vocês consigam enxergar em vossas reuniões maiores possibilidades de interação conosco. Cito o exemplo da reunião mediúnica tão somente porque vejo que isso já é feito em maior ou menor grau, dependendo, é óbvio, das possibilidades de cada um. Outro fator importante, meus amigos, que não está sob a ótica individual, mas sim coletiva, é que todos possam, de acordo com as possibilidades, interagirem cada vez mais entre si, no sentido de se esforçarem para conhecer melhor os pensamentos dos que estão a nossa volta. Se nós conseguirmos fazer com que o pensamento se alastre de maneira horizontal, como uma verdadeira teia de comunicação, muito avançaremos no desenvolvimento de nossas idéias, que não só estabelecem no nível íntimo, no esforço intelectual e moral individual a que me referi anteriormente, mas também se

estabelece em nível de grupo. Espero ter sido claro nessas explicações, ou melhor, nessas idéias que estou trazendo aqui.

2.(Dialogador 1) - Vejo que a idéia principal apontada pelo amigo diz respeito à importância da reforma íntima como base para se conseguir uma melhor compreensão daquilo que se pretende estudar em nossos encontros.

3.(E) - Veja você, minha amiga, que isso que você aponta é exatamente o que se tenta implementar em seu local de trabalho, não é

**“Portanto, apenas como consequência de uma preparação intelectual, é estabelecida uma preparação moral, disciplinadora de vossas vontades, de vossos pensamentos.”**

mesmo? É a necessidade de cada um buscar seu próprio conhecimento e, como um todo, conseguir unir esse conhecimento em torno de um objetivo único. É exatamente isso que estou propondo, não é nada de novo. O que trago aqui, talvez, seja algo pontual, porque se

estabelece a partir de um objetivo que vocês têm e com base no qual estão iniciando vossos estudos. Mas veja que o cerne da questão nada mais é do que se procurar alinhar as diversas possibilidades dentro de cada mente dentro de um determinado intervalo. Escolher um único objetivo comum é necessário para que se chegue a um determinado ponto. Tomemos novamente o exemplo desta reunião, cujo o objetivo é a experimentação. Para alcançá-lo, vocês deverão desenvolver algumas idéias, estabelecer determinados questionamentos, enfim, pensar realmente sobre o assunto.

Todo esse esforço por si só os levarão mais adiante ainda. Mas o estabelecimento de um objetivo comum é condição necessária, mas não suficiente, para esse crescimento. É importante, como já foi dito, que observem uns aos outros, que consigam estabelecer diálogos paralelos entre vocês. Diferentemente do que possam pensar, nós também participamos desses contatos paralelos. Lembro ainda que não há cabimento em se buscar o diálogo com o plano maior, ou com aqueles que não estão mais ligados à carne, e não se conseguir fazer essa mesma comunicação entre os que estão aqui, nessa mesma reunião de encarnados. É este o recado que trago apenas, como um lembrete. Vejam que o andamento de vossos estudos por si só levará vocês a essas conclusões. Assim,

**“Não há cabimento em se buscar o diálogo com o plano maior, ou com aqueles que não estão mais ligados à carne, e não se conseguir fazer essa mesma comunicação entre os que estão aqui, nessa mesma reunião de encarnados.”**

4.(D 2) - Reforçando o que nossa amiga disse, creio que nossa melhoria íntima é o primeiro passo para ser dado, é a coisa principal que buscamos com nossos estudos.

5.(E) - Sim. O que não se pode estabelecer são degraus entre uma modificação e outra. Explico melhor: muitos costumam dizer “eu preciso desenvolver paciência para conviver com o próximo”. Talvez esse pensamento esteja um pouco equivocado, no sentido de que nós temos que conviver com o próximo para então desenvolvermos a paciência. É necessário que eu estude intelectualmente para que muitos conhecimentos se estabeleçam em minha mente, dando condições para que eu possa desenvolver os atributos de espírito superior, usando o termo que vocês usualmente utilizam. O conhecimento intelectual e o sentimento, não são coisas estanques. Os atributos a que me referi são adquiridos por nós com o passar dos milênios, mas são concomitantes. São frentes que devem andar conjuntamente a todos os instantes. Vejo vocês falarem muito, ou pelo menos pensarem muito, a respeito da transformação íntima. Claro, ela é constante, mas ela não é uma decisão racional apenas que levará o ser a esta modificação, ao contrário, é todo um contexto de ações. É um estudo

intelectual dedicado e disciplinado. É a dedicação em se vencer as barreiras relacionadas à convivência entre os seres, primeiro as pequenas, depois as grandes, de modo que não se demande grandes sacrifícios, ou se adentre na consciências de cada um. E é justamente dedicando-se em vencer os obstáculos da convivência que conseguiremos adquirir atributos que não tínhamos, como a paciência, como a resignação, como o perdão. Esses são atributos de sentimentos que apenas se expressam, que não são possíveis de serem buscados, como vocês buscam, por exemplo, um conhecimento intelectual qualquer. São as conseqüências de uma atitude

de diferenciada que vai se estabelecendo ao longo do tempo. E tais sentimentos simplesmente desabrocham, como uma semente que foi cuidadosamente cultivada e de repente se abre em uma flor. De repente, quando menos esperarmos, estaremos modificados, mas a busca não deve ser pela flor e sim, pelo desenvolvimento, pelo cuidado com a semente que vai automaticamente gerar os benefícios dessas conquistas. Algo a mais, meus amigos?

6.(D 3) - Há uma idéia muito disseminada, especialmente no movimento espírita, que diz que sentimento e razão são coisas desconectadas entre si. Muitos costumam dizer mesmo que “aquele que muito pensa, pouco ama”. Por outro lado, percebo que o amigo traz uma lógica, a qual temos discutido bastante, baseada no fato de que ambos os conceitos andam juntos. Voltando ao âmbito espírita, vemos mesmo duras críticas aqueles que muito estudam. O que o amigo pensa sobre essa questão?

7.(E) - Vejam que todo esse problema talvez seja uma questão de escala. Se visualizássemos o ser em toda a sua evolução, conseguiríamos ver que nem uma coisa andou tanto e nem uma outra ficou para trás. Ao contrário,

as coisas andaram da forma que deveriam ser. Se nós analisarmos a humanidade em si, como a conhecemos hoje, somente nesse estágio evolutivo, realmente iremos constatar que algumas pessoas desenvolveram o intelecto, permitindo a criação de coisas maravilhosas, mas ao mesmo tempo essas mesmas pessoas não desenvolveram a mínima possibilidade de sentimento. Mas isto, meus amigos, é olhar somente para uma escala reduzida de tempo. Se nós analisarmos a questão em uma escala de tempo maior, veremos que o desenvolvimento foi concomitante e constante, e foi necessária essa determinada experiência para aquele indivíduo, naquele momento. Portanto, não há como ser coisas estanques. Se é desejo do indivíduo buscar o desenvolvimento intelectual, buscar o desenvolvimento artístico, ou quaisquer outras experiências, esse desejo tem que ser respeitado, para o seu próprio crescimento. Deve-se respeitar às decisões da mesma forma que Deus permite que qualquer uma de suas criaturas escolha seus próprios caminhos, pois ali está a necessidade daquele espírito, naquele momento, naquelas circunstâncias. Tais escolhas muitas vezes não podem ser contabilizadas de acordo com a escala alheia, ou ainda de acordo com o desejo ou a vontade de um determinado indivíduo ou de outros indivíduos. Assim, percebem que essas nuances de interpretação não são divergentes, mas sim individuais, representam apenas o indivíduo. Mas nunca, de forma alguma, algo que conduz a algum tipo de progresso é contrário a qualquer outro tipo de progresso que vocês possam ser capazes de apontar. Ficou claro, meu amigo?

**“Deve-se respeitar às decisões da mesma forma que Deus permite que qualquer uma de suas criaturas escolha seus próprios caminhos, pois ali está a necessidade daquele espírito”**

8.(D 3) - Sim.  
9.(E) - Bem, meus amigos, o ideal é que

nós consigamos desenvolver uma capacidade que, com o passar do tempo, tanto os médiuns, como qualquer outro indivíduo dessa reunião, consigam conversar entre si. Que consigamos conversar, em vez de fazermos preleções ou apenas estabelecermos algumas perguntas. Este é o segundo ponto que nós gostaríamos trazer. Há necessidade cada vez maior da conversa, da interação com o plano que vocês chamam de espiritual. Vejam que para que isso ocorra,

não é necessário que eu fique repetindo “alguma pergunta a mais, meus amigos?” Isso não é necessário. É necessário que vocês possam conversar conosco, dentro daquilo que for possível, é óbvio, daquilo que for útil. Conversar dentro dos parâmetros de disciplina, do bom desenvolvimento de idéias. Muitas vezes quando se encontram entre amigos, nas conhecidas rodas de conversa, vocês não conseguem desenvolver qualquer assunto capaz de os conduzirem a um ponto. Eis um grande desperdício de um tempo, que poderia ser empregado não propriamente em questões intelectuais, ou de conhecimento de qualquer espécie, mas sim e principalmente com respeito ao relacionamento humano, a assuntos que poderiam auxiliar ou fazer bem a algum daqueles que estão conversando. Essa situação corriqueira é inerente ao estágio em que a humanidade se encontra, é óbvio, mas vocês já percebendo isso, podem se esforçar nesse sentido. Alguma questão a mais, meus amigos?

(Leve sorriso dos participantes).

10.(D 3) - Você tem informação a respeito de lugares em que esse contato com os espíritos ocorre de forma tão natural quanto aquela que você se referiu?

11.(E) - Bem, vocês mesmo poderiam responder a essa questão. Basta olhar à volta. Fazendo isso, veremos que isso ocorre para uma determinada classe de pessoas em alguns momentos, quando são tratados determinados assuntos. Por exemplo, se nós entrarmos nos centros espíritas, muitas vezes iremos encontrar pessoas discutindo temas relativos à espiritualidade de forma extremamente produtiva, tal como muitas vezes vocês têm desenvolvido. Da mesma forma, se nós entrarmos nas universidades, veremos pessoas, cada qual dentro de seu respectivo campo de conhecimento, conseguindo desenvolver conversas muito produtivas, elaborando pensamentos extremamente capacitantes, mas esse processo ocorre somente em determinados momentos e para determinadas coisas. Não vemos isso de forma alguma, e esta é uma característica desse plano, ocorrer de forma geral, de maneira a abarcar todas as potencialidades que o indivíduo traz (ver dissertação “Tipos de

mentes”, *REE*, Abril de 2006). São apenas em alguns momentos. Se nós conseguirmos criar reuniões, e Deus quer assim, e nos permite que seja somente dessa forma, nas quais se estabeleça a interface matéria-espírito, faremos que essas sejam cada vez mais produtivas em conhecimento para cada indivíduo participante. Eis o objetivo maior a se perseguir. Tais reuniões tendem a se multiplicar e a se tornarem cada vez mais comuns a partir da necessidade do homem de buscar sua própria essência, que é a espiritual.

**“muitas vezes o que se estabelece durante uma comunicação mediúnica é o que não se estabelece durante a conversa corriqueira entre vocês.”**

12.(D 3) - Sabemos que ao se iniciar uma comunicação, todas as atenções naturalmente se voltam para o médium. Porém, parece-me que suas palavras, como já foi dito outras vezes

(ver “Caracteres da mediunidade”, *REE*, Março de 2006, e “Mediunidade e liberdade”, *REE*, Maio de 2006) tem por objetivo incentivar um intercâmbio mais sutil, em que cada participante, seja ele encarnado ou desencarnado, encontre as condições para se expressar.

13.(E) - Nós encontramos algumas dificuldades, como já disse, técnicas, se podemos nomeá-las assim, relacionadas às próprias possibilidades do médium, dos dialogadores, ou de quem está na conversa, de se conseguir estabelecer um questionamento, uma linha de pensamento, de uma forma, para que entendam, mais natural. É claro que a abertura da parte prática, como costumam dizer, faz com que todos passem a perceber a influência dos espíritos de maneira mais fácil. Mas isto é em um primeiro momento. Talvez essa dinâmica possa se desenvolver, talvez fique para uma etapa posterior, que amadureça com o passar do tempo. Mas o que eu gostaria de chamar a atenção é com respeito a um inter-relacionamento

mais fácil, mais amplo, mais contínuo, porque muitas vezes o que se estabelece durante uma comunicação mediúnica é o que não se estabelece durante a conversa corriqueira entre vocês. Nesse contexto, pergunto aos amigos: quantas vezes a atenção de vocês foi dada a um irmão que estivesse falando

sobre qualquer assunto, por um tempo tão longo quanto este que estão dando a mim neste momento? Será que vocês estão ouvindo com bastante atenção as idéias que cada um traz a esta reunião? Será que estamos disponibilizando nossa atenção com o objetivo real de se buscar o conhecimento maior em cada palavra dita por cada um de vocês aqui? Eu sei que a resposta, que não deve ferir, mas sim apenas expor o problema, é não. Nós sabemos que vocês não fazem isso por um mero descuido talvez. Digo isso porque não vejo sentimentos que revelem o desejo de se excluir a opinião de qualquer irmão presente nesta reunião. Vejo apenas um descuido. E é por isso que trago meus apontamentos, para que vocês percebam e pensem nisso.

14.(D 2) - Nós constantemente comentamos que temos que prestar atenção às comunicações...

15.(E) - Sim, mas eu não estou me referindo somente às comunicações. Refiro-me à conversa mesmo, antes do intercâmbio propriamente dito. Será que as idéias dos irmãos estão sendo atendidas com a melhor atenção possível, como está sendo feito neste momento? Peço-lhes apenas um exercício, fácil e rápido de ser feito: como vocês demonstram aqui uma boa atenção para minhas palavras, cada vez que um irmão aqui encarnado estiver falando, olhem para ele e pensem que ele está dando uma comunicação do irmão Sérgio na reunião. Com esse referencial, talvez se torne mais fácil destinarem-lhe a devida atenção, e talvez consigam perceber nuances que muitas

vezes passam despercebidas por vocês se encontrarem um pouco desatentos.

**“Será que estamos disponibilizando nossa atenção com o objetivo real de se buscar o conhecimento maior em cada palavra dita por cada um de vocês aqui?”**

16.(D 3) - O irmão Sérgio está querendo nos dizer que os desencarnados ainda têm uma espécie de efeito sobrenatural sobre nós encarnados.

17.(E) - E como nós todos sabemos, a mediunidade não permite tal confiança. A mediunidade não permite confiança cega sobre os pontos de discussão, porque ela é falha. Ela está sujeita a diversas possibilidades, como às capacidades mediúnicas envolvi-

das, sem falar que o próprio espírito também tem suas limitações, como diversos amigos já registraram nos livros por vocês estudados. Meus amigos, deixo a vocês o meu abraço.

Que vocês possam também elevar seus pensamentos a Deus, e como nós, agradecer a oportunidade do trabalho, que não é um privilégio, mas que só se estabelece quando

Deus e nós estamos interligados em um objetivo único, que é o bem de todos. Que a paz esteja com todos e até a próxima oportunidade, ostensivamente.

## Dissertações espíritas

### O desenvolvimento da memória

28 de março de 2005- IEEWFM

Os animais possuem uma memória de curto alcance, o que faz com que seja muito difícil eles compreenderem as ordens ou ensinamentos que buscamos lhes passar. Dessa forma, somente por aquilo

que conhecemos por instinto eles conseguem realizar certas ordens que os humanos emitem. Porém, imaginem a grande alegria desses nossos irmãos, que vivem em um corpo inferior ao que os seres humanos possuem, se eles pudessem lembrar-se dos ensinamentos trazidos pelos seres iluminados, isto é, o

homem, e assim não ter que sofrer certas pressões para exercitar essa ou aquela tarefa. Imaginem a alegria deles se pudessem simplesmente ouvir, raciocinar e exercitar uma determinada função. Imaginem um animal que trabalha carregando uma carroça ou um arado, se ele pudesse reter em suas lembranças a ordem do dia anterior transmitida pelo seu dono. Dessa forma, meus irmãos, podemos dizer que nossa mente comparada a dos grandes espíritos iluminados é como a dos animais comparada a nossa. Aproveitem a oportunidade de conseguirem se lembrar do dia de ontem, pois é ele que traz a chave para evitarmos sofrimentos no futuro. É a lembrança dos ensinamentos de ontem que fará com que a plantação não corra risco nas tempestades da vida. Sabendo o que sabem é um grande meio de se protegerem dos ataques de nosso próprio egoísmo e orgulho. Alegrem-se e preparem-se para o futuro, pois ele é grandioso. Atentem também para o fato de que há momentos em que a caminhada é árdua, mas

verão também que já passaram situações muito piores. Sorriam e amem-se cada vez mais. Busquem distribuir carinho com todos que chegarem as vossas portas. Um grande abraço.

Irmão Cunha.

### A ferramenta espírita

8 de agosto de 2005- IEEWFM

É muito gratificante trabalhar nesta Doutrina, que é ao mesmo tempo grandiosa e compatível com o nível de desenvolvimento dos habitantes deste planeta. Quando nós nos deparamos com o trabalho que o Criador nos coloca nas mãos, é algo que devemos abraçar com todas as forças, para que se torne parte realmente de nós. Devemos abraçar e trabalhar, e mesmo quando sentirmos o suor derramar, esgotando o que nos resta de ener-

gias, ainda assim, devemos reunir o restante delas para continuarmos lutando, mostrando o quanto é gratificante ser a ferramenta do Criador. Devemos abraçá-la com sentimentos, como os que vibram neste momento, sentimentos esses ainda pequenos, se comparados àqueles que somos verdadeiramente capazes de produzir. Devemos colocá-los em nossas mãos para que todos aqueles as tocarem, seja qual for seu grau de evolução, possam sentir a ação benéfica dos mesmos.

Quando se conhece os primeiros passos dessa Doutrina, não há mais como se desviar, pois seja por onde quer que olhemos, veremos que não há outras trilhas a seguir a não ser esta. Já não há mais como colocar em prática aquilo que considerávamos como sendo nossa liberdade, pois a verdadeira liberdade está em seguir os ensina-

mentos do Cristo, através da permissão de nosso Criador.

Um dia conhecerão a verdade, pois só ela vos libertará. Antes, porém, é preciso palmilhar o terreno adiante para determinar se os lugares onde pisarão são seguros, evitando, assim que se afundem na lama. Vejam os exemplos de tantos irmãos que passaram por este planeta. Todos aqueles que encontraram esta Doutrina, não mais se afastaram dela. Conhecer-la é fundamental. Buscar o conhecimento é primordial para não errar. As ferramentas que vocês têm nas mãos, que são as obras onde se encontram os ensinamentos trazidos pelos espíritos há algum tempo atrás, formam um porto-seguro que no momento é o suficiente para não mais errarem. Este contato, esta oportunidade que se tem em trocar idéias e informações com espíritos amigos e bondosos, é a chance que o Criador vos dá para poder medi-las e compara-las com todos os ensinamentos trazidos através das obras em vossas mãos colocadas. Comparar e assim saber acertar, não errar jamais. Mesmo que muitas vezes o orgulho, o egoísmo, e a vaidade possam falar mais alto, mesmo assim vocês contam com ferramentas que irão indicar o caminho. Terão, assim, os olhos sempre brilhando para esta luz imensa. É esta, meus amigos, a lição da noite: é o sentimento que deve vibrar, pois só ele será capaz de apontar o norte. Sem ele, qualquer trabalho de se buscar novos conhecimentos será incompleto.

Vejam meus amigos, quantas oportunidades o Criador vos dá. Não as percam! Não tenham medo de enfrentar as

barreiras da vida material, pois a vida espiritual é maior, e assim nos encontraremos sempre por todos os caminhos desta vida, sejam vocês encarnados e nós desencarnados, sejam nós encarnados e vocês desen-

**“Imaginem um animal que trabalha carregando uma carroça ou um arado, se ele pudesse reter em suas lembranças a ordem do dia anterior transmitida pelo seu dono.”**

**“As ferramentas que vocês têm nas mãos, que são as obras onde se encontram os ensinamentos trazidos pelos espíritos há algum tempo atrás, formam um porto-seguro que no momento é o suficiente para não mais errarem.”**

carnados. Estenderemos sempre as mãos uns aos outros e nesta caminhada, nesta Doutrina que foi colocada em nossas mãos, jamais, jamais nos perderemos por estes caminhos. Gostaria de continuar, mas por mais que tentamos reduzir o impacto da comunicação,

está sendo difícil continuar. Mas prometemos, se continuarem sempre buscando este sentimento nos momentos destas reuniões, garantir a presença, pois o nosso objetivo é a divulgação desta Doutrina. Mas além da divulgação dela, o que mais buscamos é o

entendimento que todos vocês terão dela. Façam o melhor uso dela. Aprendam, desenvolvam todos os ensinamentos que têm em vossas mãos, para que vocês possam ser as nossas mãos aqui na Terra.

Um grande amigo de todos.

## Experimentação espírita

### Lembranças do plano espiritual

16 de setembro de 2006- IEEWFM

**Nota.** O esquecimento das vivências passadas faz parte do mecanismo que concede ao espírito encarnado as melhores condições psicológicas para continuar sua marcha evolutiva, através das inúmeras experiências que a encarnação lhe oferece. Inúmeros são os argumentos que servem de sustentação a essa afirmação, em especial os encontrados nas questões 392 a 399 de “O Livro dos Espíritos”. Porém, qual a natureza desse mecanismo? Seria ele imposto ao

espírito (ver Dissertação “Causas do esquecimento”, REE, Março de 2006)? A ligação com a matéria faria com que o espírito automaticamente tivesse seus arquivos bloqueados (ver Diálogos Espíritos “A reencarnação não existe”, REE, Março de 2006)? Com o objetivo de se compreender melhor os mecanismos que regem a memória do espírito imortal, há algum tempo temos realizado estudos em que o médiums, ou sonâmbulos, como eram denominados à época de Kardec, foram induzidos à rememorar alguns pontos de suas próprias existências passadas. Esses estudos iniciais indicaram que em determinadas condições os médiums tanto poderiam assumir a personalidade da época em que viviam ou ainda olharem para o passado plenamente conscientes de sua situação atual. Oportunamente voltaremos a tratar desse assunto. À medida que os estudos avançaram, e alguns mecanismos foram melhor compreendidos, levantou-se a seguinte hipótese: se a memória subconsciente de uma encarnação ante-

rior poderia ser recobrada, a memória relativa à erraticidade, isto é, o intervalo de tempo vivido pelo espírito entre duas encarnações, também poderia ser trazida à tona? Em princípio, por se tratar de uma memória “mais recente”, era natural supor-se que seus arquivos estivessem mais facilmente disponíveis. Porém, se assim o fosse, porque a grande maioria, senão a totalidade, até onde pudemos averiguar, dos relatos de lembranças espontâneas e/ou induzidas, dizem respeito tão somente à encarnações anteriores, sem que nada seja mencionado a respeito da erraticidade? Foi com esse objeti-

**“Foi com esse objetivo que organizamos uma sessão dedicada a conduzir o médium ao estado errático, isto é, o período imediatamente anterior à sua presente encarnação”**

vo que organizamos uma sessão dedicada a conduzir o médium ao estado errático, isto é, o período imediatamente anterior à sua presente encarnação, quando ainda preparava-se para mergulhar novamente na carne. Dada à extensão do diálogo, apresentamos aqui somente a etapa em que o médium relatou algumas experiências desde sua tenra idade até o momento em que recobrou as primeiras lembranças de sua estadia no plano espiritual. A continuação dos relatos será apresentada no próximo número da **Revista**.

1.(Experimentador) Procure focar seus pensamentos nas lembranças do dia de ontem: o que fez, as pessoas que encontrou, os lugares por onde passou (intervalo). Em seguida, analise quais dessas lembranças o fazem caminhar um pouco mais para trás, há um, dois, três anos atrás (intervalo). Seguindo com essas ligações, procure lembrar-se de sua adolescência, da casa onde vivia, dos amigos, da escola, da família. Tudo isso de forma muito tranqüila, serena (intervalo). Novamente, tomando como ponto de partida essas lembranças, tente ir um pouco mais para trás, fixando em seus pais, por exemplo, em uma época correspondente à sua

infância, como um dia que você estava no colo de seu pai, onde eram trocados os carinhos naturais entre pai e filho (intervalo). Agora, procure ir além, buscando pela memória a lembrança mais distante que carrega em sua mente na época em que você era um bebê. Imagine um dia que você encontrou pessoas que você não conhecia muito bem, mas que lhe causavam um profundo bem estar. Pessoas que apareciam algumas vezes, trazendo-lhe palavras de alegria. Você consegue recordar dessa época?

**Nota.** Como a investigação se propunha a recolher lembranças do período correspondente à erraticidade do médium, o experimentador procurou desde o início estabelecer ligação deste com o plano espiritual, especificamente com os espíritos afins que naturalmente acompanham qualquer recém-nascido.

2.(Médium) (risos).

**Nota.** O médium começou a sorrir à feição de uma criança que se encontra feliz com algo que lhe é apresentado.

3.(Ex) Você está se sentindo bem?

4.(M) Sim. Estou. Meu pai está (risos) conversando com um homem que eu conheço, mas que eu não conheço o nome dele. Eles estão falando que eu... eu estou ouvindo tudo (risos). O homem sabe que eu estou ouvindo tudo.

**Nota.** Essa resposta está de acordo com a indução inicial, o que prova que, assim como a memória consciente, as associações são fundamentais para o funcionamento da memória subconsciente. Outro ponto relevante é o fato de que o bebê é capaz de registrar todas as informações à sua volta, e que a pessoa que acompanha seu pai tem ciência desse fato.

5.(Ex) Mas como é que ele sabe que você está ouvindo, se você é apenas um bebê?

6.(M) Não sei.

7.(Ex) Esse homem, pelo o que você consegue olhar, tem uma aparência normal?

8.(M) Só consigo ver a parte de cima dele. Meu pai conversa com ele como eles já se conhecessem (risos).

9.(Ex) Mas você nunca o viu em sua casa?

10.(M) Não. Eu conheço ele, mas não sei da onde.

11.(Ex) Tente buscar então essa informação: de onde você o conhece? Olhe bem para ele. Tente se lembrar do nome dele.

12.(M) Não sei... Meu pai fala para ele: “hoje você vai deixar criar meu filho, não?”.

*Nota. Esta informação, ainda que resvale sobre assuntos de ordem pessoal, possui um grande valor de comprovação com respeito às lembranças do médium, uma vez que se liga perfeitamente a outros esclarecimentos anteriormente prestados por diferentes espíritos que se manifestaram por pelo menos mais um médium. Com esta resposta, portanto, imediatamente foi estabelecida a identidade do interlocutor pela grande maioria dos presentes.*

13.(Ex) Isso lhe faz lembrar de algo?

14.(M) É que parece que eu já vi essa cena antes.

15.(Ex) Essa pessoa que você vê, parece-lhe amável? Ela lhe agrada?

16.(M) Sim.

17.(Ex) Bem, então vamos tentar voltar um pouquinho mais então.

18.(M) Mas eu já sou pequenininho.

*Nota. O médium assumiu feições características de uma criança em estado de atenção, prestes a chorar, com repetidos movimentos das mãos esfregando os olhos.*

19.(Ex) Sim, entendendo, você é um bebê ainda.

20.(M) É... Mas eu só estou vendo eles conversarem.

21.(Ex) Seu pai não chamou essa pessoa pelo nome?

22.(M) Não.

*Nota. Ainda que não tenha sido possível a confirmação da identidade do interlocutor do pai da criança através do diálogo com a personalidade subconsciente, ao fim do experimento o médium confirmou a identificação que havia sido realizada segundo a re. Esse “falso negativo” por parte do médium durante o estado de “crise sonambúlica” é de grande valor teórico, pois prova que seu relato, tomado à conta de lembranças, não pode ser mero produto de sua imaginação, ou ainda ter se originado a partir de fatos mais recentes, eventualmente mesclados com as próprias idéias dos presentes. Se assim o fosse, ao ser perguntado, o médium facilmente lembraria-se do nome que é de seu inteiro conhecimento, e que estava pairando nas mentes de todos, inclusive do experimentador que conduzia o diálogo.*

23.(Ex) Será que você não o conhece mesmo?

24.(M) Não. Eu sou pequenininho.

25.(Ex) Mas será que você sempre foi pequenininho? Será que não houve uma época um pouco mais para trás em que você era diferente do que você é hoje? Tente voltar para ela. Como você se tornou pequeno?

*Nota. Nesse instante, a respiração do médium se alterou de modo significativo. Ao mesmo tempo, ainda que sentado na poltrona, ele assumiu uma posição muito semelhante à fetal, recolhendo os braços entre suas coxas e flexionando o tronco levemente para frente.*

26.(Ex) Vá com calma, passo a passo, não perdendo a consciência desses passos para trás. Tente se lembrar do homem com que seu pai estava conversando (intervalo). E agora, como você está?

*Nota. O médium respondeu com um som gutural, totalmente incompreensível.*

27.(Ex) Você pode me ouvir?

*Nota. Bastante ofegante, o médium sinalizou afirmativamente com a cabeça.*

28.(Ex) Se você deseja falar, lembre-se de que você é capaz.

*Nota. Após um intervalo de aproximadamente um minuto, o médium conseguiu articular as primeiras palavras com grande dificuldade.*

29.(M) Está apertado aqui.

30.(Ex) O que você vê à sua volta?

31.(M) Parece que... Parece que tem umas luzes fraquinhas que entram aqui... Eu estou muito apertado.

*Nota. O médium continuava a se expressar com dificuldade.*

32.(Ex) Você se sente protegido aí?

33.(M) Antes eu me mexia...

34.(Ex) Antes? E como era antes?

35.(M) Eu era “mais pequenininho”.

36.(Ex) E agora, mesmo assim, você consegue ver algumas luzes. Você consegue ouvir vozes também?

37.(M) Minha mãe fala comigo. (risos). Ela põe a mão em mim... (risos). Ela põe a mão bem na minha cabeça, bem aqui. É gostoso... (risos). Mas está muito apertado. Eu vou... Eu vou me esticar.

38.(Ex) Procure relaxar um pouco.

39.(M) É que não cabe...

40.(Ex) Sobre essas luzes, você tem idéia do que seja?

**“Minha mãe fala comigo. (risos). Ela põe a mão em mim... (risos). Ela põe a mão bem na minha cabeça, bem aqui. É gostoso... (risos). Mas está muito apertado.”**

41.(M) Eu não sei...

42.(Ex) Mas elas são boas para você?

43.(M) São.

44.(Ex) Elas aparecem todos os dias?

45.(M) Sim. Bastante.

*Nota. A partir do diálogo não se pode afirmar com certeza sobre a origem das mencionadas luzes. Pode-se inferir, quando muito, que sejam algum tipo de representação simbólica por parte do feto das boas vibrações dirigidas a ele, uma vez que este fenômeno causa-lhe uma bem estar.*

46.(Ex) Você tem idéia de como você foi parar aí? Você se lembra?

47.(M) Não.

48.(Ex) Você não se lembra de quando falaram que você iria retornar a esse mundo? De que era chegado o momento para reencarnar?

49.(M) É que está muito apertado aqui. Estou confuso.

50.(Ex) Você se consegue lembrar de alguma coisa antes de estar aí? Qual foi a última coisa que lhe disseram?

51.(M) Mas quem me disse?

52.(Ex) Não sei. Quem é a última pessoa que você se lembra? Sem contar sua mãe e seu pai.

53.(M) Ah... Eu me lembro... Ah... Do tio...

54.(Ex) Que tio?

55.(M) Que eu brincava com ele quando eu estava...

*Nota. Nesse momento, o médium alterou totalmente sua posição, assumindo a postura novamente de um adulto sentado em uma poltrona. Sua voz, que antes possuía alguns timbres e caracteres inerentes a uma criança, recobrou a potência e a fluidez da voz de um adulto.*

56.(M) Ah... Seu Dagoberto.

57.(Ex) Quem era ele?

58.(M) É o que me ajuda aqui, nesses momentos de retorno.

59.(Ex) De ligação com o corpo?

60.(M) É... Ai... Eu me sinto parece que faltando alguma coisa...

61.(Ex) Você já iniciou o processo de ligação?

62.(M) Ainda não. Sinto falta de ar. É como se algo estivesse faltando, algum pedaço faltando.

*Nota. Neste ponto, o médium já se encontrava ofegante, com dificuldade de se expressar.*

63.(Ex) Mas isso vem de agora ou já há algum tempo você se sente assim? (Intervalo). Procure relaxar. Respire fundo. Existe ar à sua volta.

64.(M) É que. Ai... (Intervalo). Não entra ar... Está faltando alguma coisa.

65.(Ex) Eu vou lhe perguntar novamente: Faz tempo que você se sente assim ou foi de uma hora para outra?

66.(M) Foi agora.

67.(Ex) Mas confie em mim. Você está respirando normalmente.

68.(M) Ai... Eu não consigo ficar muito tempo aqui (Intervalo). É que... Levaram-me para a mente ter que voltar, refazer meu corpo. Aí começou.

69.(Ex) Você pode falar seu nome para gente?

70.(M) Eu não sei. Qual nome você quer que eu dê?

71.(Ex) Qual o último que consta em sua memória?

72.(M) Pelo o que eu sei, no espaço em que eu estava com meu corpo diferente desse

meu corpo, desse que eu vou usar (intervalo) eu era um médico. Ai... Será que não dá fazer com que eu pare de ter essas dores?

73.(Ex) Apenas para confirmar: você era um médico de nome Johnny?

*Nota. Esse nome fora obtido anteriormente tanto por via mediúnica, por pelo menos mais um médium, como também por regressões de memória à sua última encarnação.*

74.(M) Eu não sou mais... Eu lutei bastante para tirar essa minha característica que não me fez bem, que eu abusei um pouco. Não quero me lembrar disso. Eu estudei bastante para isso, para ver que tudo isso era passado.

*Nota. A questão relativa ao nome tinha por objetivo fazer com que o médium focasse sua atenção em outro ponto, pois até então não estava clara a origem da perturbação que tomava dele. Havia três hipóteses capazes de explicá-la: tratava-se tão somente de lembranças relativas à ansiedade sentida nos últimos dias (ou momentos) que antecederam seu retorno; eram lembranças não propriamente de origem psicológicas, mas sim originadas nas modificações perispirituais pelas quais o espírito passa antes de se ligar às células materiais; por fim, a perturbação poderia estar vinculada a algum tipo de reação do organismo físico do médium, que naquele momento, pensava como um ser desencarnado. Porém, uma vez que o assunto escolhido, o nome do médium enquanto desencarnado, também lhe causou certo desconforto, optamos por conduzi-lo a outro ponto de suas memórias, em um estado bem anterior às etapas pré-encarnatórias.*

Continua no próximo número da **Revista**.

## Revista de Estudos Espíritas

Publicação Mensal do Instituto de Estudos Espíritas "Wilson Ferreira de Mello".

Editor: Dermeval Carinhana Junior

A distribuição da **Revista** é gratuita. Seu conteúdo pode ser reproduzido, seja de forma parcial ou integral, sem qualquer necessidade de autorização prévia, bastando que, quando possível, citá-la como fonte de referência.

Envio de matérias, críticas, assinaturas, etc.: Rua Pedro Gianfrancisco, 306, Parque Via Norte, Campinas-SP, CEP 13065-195.

Email: [derms@uol.com.br](mailto:derms@uol.com.br)